

## I COLÓQUIO PAULO FREIRE E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

### **“QUANDO A EDUCAÇÃO NÃO É LIBERTADORA O SONHO DO OPRIMIDO É SER OPRESSOR”: O EFEITO DOMINÓ NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Franciele Daiane Rodrigues Resende<sup>1</sup>

A formação de professores tem sido um tema amplamente debatido no Brasil. Todavia, as pesquisas que envolvem a etnografia na universidade, envolvendo o pesquisador no contato com a realidade cotidiana de estudantes e professores, são escassas. Por isso, eu e meu orientador Écio Antônio Portes desenvolvemos uma pesquisa, durante o meu Mestrado em Educação, com o objetivo de analisar como ocorria, cotidianamente, o fracasso universitário no curso de Física da Universidade Federal de São João del-Rei. Neste texto, o objetivo é trazer um minúsculo recorte advindo das observações que foram feitas no curso de Física, durante todo o ano de 2014. Foram 19 estudantes e 11 professores investigados.

Pretende-se refletir aqui, já que “[...] não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão” (FREIRE, 1987, p. 78), como a interação entre professores e estudantes de um curso de Licenciatura poderá influenciar a formação desse sujeito para atuar na educação básica?

Durante a vivência na universidade, observamos que existiam os professores que pareciam possuir o gosto pela reprovação dos estudantes, como se isso fosse algo positivo, um elemento fundamental da afirmação do poder instituído. Esse fato marca as falas dos estudantes:

**Paulo** [6º período de Física]: Os professores gostam de reprovar! Quantas vezes já ouvi os professores falarem: ‘Minha matéria aprova 1% e reprova 99%’. Eles acham bonito sair falando isso pelos corredores!

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação, na Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).  
francieledaianerodrigues@gmail.com

Essa forma de proceder influenciava a interação, pois esse tipo de professor é mais “fechado” e na disciplina dele os estudantes não “têm saída”, não faz diferença se interagem, se perguntam, se dialogam ou não. Importa que é “difícil” e que serão reprovados de uma forma ou de outra. Exemplo disso é a fala do professor Flávio, no primeiro dia de aula, ao presenciar um estudante arrastando a cadeira ao chegar atrasado: “Essa disciplina repara todo mundo, principalmente quem chega atrasado!” Esse discurso já trouxe para os estudantes a vontade de abandonar a disciplina, de não se manifestar, já que serão todos reprovados.

Existiam também, os professores abertos ao diálogo, criando uma relação de confiança que possibilitava que a interação pudesse se estabelecer de forma duradoura. Então, os fracassos podem ser vistos, muita vezes, como consequência de desastres relacionais entre professores e estudantes.

Desta forma, podemos refletir com Freire (1987) quando o autor defende a ideia de opressores e oprimidos. Opressores são aqueles que possuem o poder da palavra, que dão a sentença final, que não dialogam, aqueles que atuam, disciplinam e pensam. “Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua ‘generosidade’ continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça.” (p. 17). O autor defende que a relação educador/educandos, em qualquer nível de escolaridade, são narradoras: narração de conteúdos e saberes que o tornam algo estático. Aos educandos, vistos como recipientes a serem “enchidos” pelo educador, cabem a tarefa de memorizar mecanicamente, respeitar e calar. Eis a concepção do autor de “educação bancária”, em que os estudantes são depósitos em que se preza a “cultura do silêncio”.

Na nossa pesquisa, parece haver uma impossibilidade de interação já nas primeiras manifestações dos professores, em suas expressões “naturalizadas” em um cotidiano no qual não se percebe o outro como um aprendiz, como um sujeito de conhecimento, como alguém que tem uma leitura do mundo antes de entrar na universidade, mas como um elemento de confirmação de uma trágica estatística que tem de se confirmar para comprovar o que a prática que leva à reprovação tem estabelecido como modelo.

O “efeito dominó” se manifesta: a universidade forma o professor de Física, que vai exercer sua profissão na educação básica e poderá ou não tornar suas aulas dialógicas, centradas na ação-reflexão, respeitando os conhecimentos dos educandos e sabendo escutá-los. Se uma parte do processo falhar, as outras estarão comprometidas. Se é preciso “[...] diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz [...]” (FREIRE, 1996), como mudar essa realidade que está posta dentro da própria instituição responsável pela formação dos educadores?

## Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.